

ELIZABETH STROUT

# Meu nome é Lucy Barton

*Tradução*

Sara Grünhagen



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Elizabeth Strout  
Tradução publicada mediante acordo com Random House, uma divisão de  
Penguin Random House LLC.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

My Name Is Lucy Barton

*Capa*

Flávia Castanheira

*Imagem de capa*

Sem título, de Vânia Mignone, 2013, acrílica sobre MDF, edição única,  
180 x 270 x 3 cm [6 partes de 90 x 90 cm]. Reprodução de Eduard Fraipont.  
Cortesia de Vânia Mignone e Casa Triângulo.

*Preparação*

Ciça Caropreso

*Revisão*

Ana Maria Barbosa

Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Strout, Elizabeth

Meu nome é Lucy Barton / Elizabeth Strout ; tradução Sara  
Grünhagen. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Título original: My Name Is Lucy Barton.

ISBN 978-85-359-2764-1

1. Ficção norte-americana I. Título.

---

16-04319

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

Houve uma época, já faz muitos anos agora, em que eu tive que ficar num hospital por quase nove semanas. Foi em Nova York, e à noite a vista do edifício Chrysler, com seu brilho geométrico de luzes, era bem nítida da minha cama. Durante o dia, a beleza do prédio diminuía e aos poucos ele ia se tornando só mais uma grande estrutura contra um céu azul, e todos os prédios da cidade pareciam vagos, silenciosos, muito distantes. Era maio, depois junho, e lembro como eu me levantava e olhava pela janela para a calçada lá embaixo, observando as mulheres jovens — da minha idade — com suas roupas de primavera lá fora no horário do almoço; eu via a cabeça delas balançando enquanto conversavam, suas blusas ondulando na brisa. Pensava em como, quando eu saísse do hospital, eu nunca mais iria caminhar pela calçada sem agradecer por ser uma daquelas pessoas, e durante muitos anos fiz isso — eu me lembrava da vista da janela do hospital e ficava feliz pela calçada na qual estava caminhando.

Foi uma coisa simples no começo: eu tinha me internado

no hospital para tirar o apêndice. Depois de dois dias me deram comida, mas eu não conseguia mantê-la no estômago. Então veio uma febre. Ninguém conseguia isolar nenhuma bactéria nem descobrir o que tinha dado errado. Nunca conseguiram. Eu tomava soro numa veia e antibióticos em outra. Eles ficavam pendurados num suporte de metal com rodinhas bambas que eu empurrava ao caminhar, mas logo eu me cansava. Lá pelo início de julho, qualquer que tivesse sido o problema que havia me segurado ali passou. Mas até então fiquei num estado muito estranho — numa espera literalmente febril —, eu me angustiava demais. Eu tinha marido e duas filhas pequenas em casa; sentia uma falta terrível das minhas meninas e me preocupava tanto com elas que temia que isso estivesse me deixando mais doente. Então meu médico, com quem eu sentia uma profunda ligação — ele era um judeu de papada grande que carregava uma tristeza suave nos ombros e que tinha perdido avós e três tias, eu tinha ouvido ele contar a uma enfermeira, nos campos de concentração, e que tinha uma esposa e quatro filhos já grandes que moravam em Nova York —, esse homem encantador sentiu pena de mim, acho, e permitiu que as minhas meninas, de cinco e seis anos, fossem me visitar se elas não tivessem nenhuma doença. Uma amiga da família levava as duas ao meu quarto, e eu via como o rostinho delas estava sujo, e também o cabelo, e eu ia com elas para o chuveiro empurrando meu suporte de soro, e elas gritavam: “Mamãe, como você está magra!”. Elas ficavam realmente assustadas. Sentavam comigo na cama enquanto eu secava o cabelo delas com uma toalha, depois faziam desenhos, mas apreensivas, e a cada minuto não paravam de dizer: “Mamãe, mamãe, você gosta disso? Mamãe, olha o vestido da minha princesa fada!”. Elas falavam muito pouco, a mais nova, principalmente, parecia incapaz de falar, e quando eu passava os braços em volta dela, via seu lábio inferior se projetando e seu

queixo tremendo; um tiquinho de gente naquele esforço todo para ser corajosa. Quando elas iam embora, eu não ficava na janela olhando elas partindo com a minha amiga que havia levado as duas e que não tinha filhos.

Meu marido, naturalmente ocupado com a casa e também com o trabalho, nem sempre podia me visitar. Quando nos conhecemos, ele me disse que odiava hospitais — seu pai tinha morrido num hospital quando ele tinha catorze anos —, e aí eu vi o quanto ele falava sério. No primeiro quarto em que me colocaram havia uma senhora morrendo ao meu lado; ela não parava de gritar por ajuda — me impressionou a indiferença das enfermeiras, enquanto ela berrava que estava morrendo. Meu marido não suportava isso — não suportava me visitar ali, quero dizer — e fez com que me transferissem para um quarto individual. Nosso plano de saúde não cobria esse luxo, e cada dia dissipava um pouco mais nossas economias. Eu estava grata por não precisar ouvir aquela pobre mulher gritando, mas se alguém soubesse o tamanho da minha solidão eu teria ficado constrangida. Sempre que uma enfermeira ia medir minha temperatura, eu tentava segurá-la alguns minutos, mas as enfermeiras eram ocupadas, não podiam simplesmente ficar por ali conversando.

Cerca de três semanas depois de eu ter sido internada, desviei os olhos da janela no final de uma tarde e dei com a minha mãe sentada numa cadeira aos pés da minha cama. “Mãe?”, eu falei.

“Oi, Lucy”, ela disse. Sua voz soou tímida porém imperiosa. Ela se inclinou para a frente e apertou meu pé por cima do lençol. “Oi, Wizzle”, disse. Fazia anos que eu não via minha mãe e mantive os olhos fixos nela; eu não entendia por que ela parecia tão diferente.

“Mãe, como foi que você chegou aqui?”, perguntei.

“Ah, eu vim de avião.” Ela acenou para mim com os dedos,

e eu sabia que havia emoção demais entre nós. Então acenei para ela também e deitei. “Acho que você vai ficar bem”, ela acrescentou com seu tom ao mesmo tempo aparentemente tímido e imperioso. “Não tive nenhum sonho.”

O fato de ela estar ali, me chamando pelo meu apelido de criança, que eu não escutava havia eras, me fez sentir aquecida e branda, como se toda a minha tensão fosse uma coisa sólida que estivesse deixando de ser. Geralmente eu acordava à meia-noite e cochilava de forma esporádica ou ficava desperta olhando as luzes da cidade pela janela. Mas naquela noite eu dormi direto, e de manhã minha mãe estava sentada no mesmo lugar em que estivera no dia anterior. “Não faz mal”, ela disse quando eu perguntei sobre isso. “Você sabe que eu não durmo muito.”

As enfermeiras se ofereceram para arrumar uma cama portátil para ela, mas ela fez que não com a cabeça. Toda vez que uma enfermeira lhe oferecia uma cama, ela balançava a cabeça. Depois de um tempo as enfermeiras pararam de perguntar. Minha mãe ficou comigo cinco noites e só dormiu em sua cadeira.

Durante nosso primeiro dia inteiro juntas, minha mãe e eu conversamos de forma intermitente; acho que nenhuma de nós sabia bem como agir. Ela fez umas poucas perguntas sobre as meninas e eu respondi com o rosto corando. “Elas são maravilhosas”, eu disse. “Ah, simplesmente maravilhosas.” Sobre o meu marido, ela não perguntou nada, ainda que — ele me contou por telefone — tenha sido ele quem ligou para ela e pediu que ela fosse ficar comigo, quem pagou sua passagem, quem se ofereceu para ir buscá-la no aeroporto — minha mãe, que nunca tinha andado de avião. Apesar de ela ter dito que pegaria um táxi, apesar da recusa de estar cara a cara com ele, meu marido ainda assim lhe deu todas as orientações e o dinheiro para chegar até mim. Agora, sentada numa cadeira aos pés da minha cama, minha mãe também não falou nada sobre meu pai, então

eu também não toquei no nome dele. Fiquei querendo que ela dissesse: “Seu pai desejou melhoras pra você”, mas ela não fez isso.

“Deu medo de pegar um táxi, mãe?”

Ela hesitou, e achei que vi o terror que ela devia ter sentido quando desceu do avião. Mas ela disse: “Tenho uma voz na cabeça e a usei”.

Passado um momento, eu disse: “Estou realmente feliz por você estar aqui”.

Ela deu um sorriso rápido e olhou na direção da janela.

Isso foi em meados da década de 1980, antes dos celulares, e quando o telefone bege ao lado da minha cama tocava e era meu marido — minha mãe sabia, tenho certeza, pelo modo lastimoso como eu dizia “Oi”, como se estivesse prestes a chorar —, minha mãe se erguia silenciosamente da cadeira e saía do quarto. Imagino que nesses momentos ela ia comer alguma coisa na cafeteria ou ligar para o meu pai de um orelhão no corredor, já que eu nunca a via comer e supunha que meu pai se preocupasse com a segurança dela — não havia problemas entre eles, até onde eu sabia —, e depois de eu ter falado com cada uma das meninas, beijando o bocal do telefone uma dúzia de vezes, deitado de novo no travesseiro e fechado os olhos, minha mãe devia se esgueirar de volta para o quarto, pois quando eu abria os olhos ela estava ali.

Naquele primeiro dia falamos do meu irmão, o mais velho de nós três, que, por não ser casado, morava na casa dos meus pais, embora tivesse trinta e seis anos, e da minha irmã mais velha, que tinha trinta e quatro anos, morava a dezesseis quilômetros da casa dos meus pais, era casada e tinha cinco filhos. Perguntei se o meu irmão estava trabalhando. “Ele está sem trabalho”, minha mãe disse. “Ele passa a noite com qualquer animal que vai ser morto no dia seguinte.” Perguntei o que ela tinha dito e

ela repetiu o que acabara de dizer. Acrescentou: “Ele vai para o celeiro dos Pederson e dorme ao lado dos porcos que vão ser levados para o abate”. Fiquei surpresa ao ouvir isso e disse para ela que tinha ficado, mas minha mãe deu de ombros.

Depois minha mãe e eu falamos das enfermeiras; minha mãe logo pôs apelidos nelas: “Biscoito” para a magricela que tinha um afeto crocante; “Enxaqueca” para a mais velha e abatida; “Sisuda” para a indiana de quem nós duas gostávamos.

Mas como eu estava cansada, minha mãe começou a me contar histórias de pessoas que ela tinha conhecido alguns anos antes. Falou de um jeito que eu não me lembrava, como se houvesse uma pressão de sentimentos, palavras e observações acumuladas dentro dela havia anos, sua voz saía entrecortada e num fluxo inconsciente. Às vezes eu cochilava e, quando acordava, implorava para ela falar de novo. Mas ela dizia: “Ah, Wizzlezinha, você precisa descansar”.

“Eu estou descansada! Por favor, mãe. Me conte alguma coisa. Me conte qualquer coisa. Me fale da Kathie Nicely. Sempre amei o nome dela.”

“Ah, sim. A Kathie Nicely. Minha nossa, como ela se deu mal.”



Nós éramos esquisitões, a nossa família, mesmo naquela minúscula cidade rural de Amgash, em Illinois, onde havia outras casas caindo aos pedaços e precisando de uma tinta fresca, ou de persianas, ou de jardins, sem nenhuma beleza onde os olhos pudessem repousar. Essas casas agrupadas formavam a cidade, mas a nossa casa não ficava perto delas. Embora se diga que as crianças aceitem suas circunstâncias como normais, tanto Vicky quanto eu percebíamos que éramos diferentes. Ouvíamos das outras crianças no parquinho: “Sua família fede”, e elas saíam correndo apertando o nariz com os dedos; minha irmã ouviu de sua professora do segundo ano — na frente da turma — que ser pobre não era desculpa para ter sujeira atrás das orelhas, que ninguém era tão pobre que não pudesse comprar um sabonete. Meu pai trabalhava com máquinas agrícolas, embora com frequência fosse despedido por discordar do patrão, e depois era novamente contratado, acho que porque era bom no que fazia e precisavam dele de novo. Minha mãe costurava: uma placa pintada à mão, no ponto onde a longa entrada da nossa casa se encontrava com

a estrada, anunciava COSTURAS E AJUSTES. Embora nosso pai, quando orava conosco à noite, nos fizesse agradecer a Deus por termos comida suficiente, o fato é que eu vivia esfomeada e que o nosso jantar muitas noites era pão com melaço. Dizer uma mentira e desperdiçar comida eram coisas que nos faziam ser punidos. Se não fosse por isso, de vez em quando, e sem aviso, meus pais — normalmente minha mãe e na frente do nosso pai — nos batiam de modo impulsivo e com muita força, como acho que algumas pessoas devem ter desconfiado por causa das marcas em nossa pele e do nosso temperamento sombrio.

E havia o isolamento.

Vivíamos na região de Sauk Valley, onde é possível percorrer um bom trecho vendo apenas uma ou duas casas cercadas de campos, e, como eu disse, não havia casas por perto. Morávamos com milharais e plantações de soja se estendendo até o horizonte; e para além desse horizonte ficava a fazenda de porcos dos Pederson. No meio dos milharais havia uma árvore, e sua presença era marcante. Durante muitos anos pensei nessa árvore como minha amiga; ela era minha amiga. Nossa casa ficava numa estrada de terra muito comprida, não muito longe do rio Rock, próximo de algumas árvores que serviam de quebra-vento para os milharais. Então, de fato, não tínhamos nenhum vizinho perto de nós. E também não tínhamos televisão nem jornais, revistas ou livros em casa. Em seu primeiro ano de casada, minha mãe havia trabalhado na biblioteca local, e aparentemente — meu irmão me contou isso mais tarde — amava livros. Mas depois a biblioteca informou minha mãe que o regulamento havia mudado e que eles só poderiam contratar alguém com a formação adequada. Minha mãe nunca acreditou neles. Ela parou de ler, e muitos anos se passaram até ela ir a uma biblioteca em outra cidade e trazer livros para casa de novo. Conto isso porque há a questão de como as crianças se tornam conscientes do que é o mundo e de como atuar nele.

Como, por exemplo, você aprende que é falta de educação perguntar a um casal por que eles não têm filhos? Como você aprende a pôr a mesa? Como você sabe que está mastigando de boca aberta se ninguém nunca te disse isso? Como você sabe até mesmo qual é a sua aparência, se o único espelho da sua casa é minúsculo e fica no alto, acima da pia da cozinha, ou se você nunca ouviu uma só alma te dizer que você é bonita, e, em vez disso, conforme seus seios se desenvolvem, ouve de sua mãe que você está começando a parecer uma das vacas do celeiro dos Pederson?

Como Vicky se virou, até hoje eu não sei. Não éramos tão próximas quanto se poderia esperar; tanto uma quanto a outra não tinha amigos e éramos igualmente desprezadas, e nos olhávamos com a mesma desconfiança com que olhávamos para o resto do mundo. Há momentos agora, porque minha vida mudou tão completamente, em que recordo aqueles primeiros anos e me pego pensando: Não foi tão ruim assim. Talvez não tenha sido. Mas também há momentos — inesperados —, caminhando por uma calçada ensolarada, ou observando a copa de uma árvore curvada pelo vento, ou observando um céu de novembro se fechar sobre o rio East, em que sou súbita e tão profundamente tomada pela consciência da escuridão que um som às vezes escapa da minha boca e eu entro na primeira loja de roupas que vejo para conversar com um estranho sobre o modelo dos suéteres que acabaram de chegar. Deve ser assim que a maioria de nós leva a vida, em parte sabendo, em parte não, visitada por lembranças que simplesmente não podem ser verdadeiras. Mas quando vejo outras pessoas caminhando com confiança pela calçada, como se estivessem completamente livres do terror, percebo que não sei como os outros são. Muita coisa da vida parece especulação.

“A questão com Kathie”, minha mãe disse, “a questão com Kathie era...” Minha mãe se inclinou para a frente na cadeira e baixou a cabeça, a mão no queixo. Aos poucos eu via como, desde a última vez em que a encontrara, ela tinha ganhado peso apenas o suficiente para suavizar suas feições; seus óculos não eram mais pretos, mas bege, e o cabelo ao lado do rosto tinha ficado mais claro, mas não grisalho, portanto ela estava parecida com uma versão um pouco maior e mais vaga de si mesma quando jovem.

“A questão com Kathie”, eu disse, “é que ela era simpática.”

“Não sei”, minha mãe disse. “Não sei o quanto ela era mesmo simpática.” Fomos interrompidas pela enfermeira Biscoito, que entrou no quarto com sua prancheta, depois segurou meu pulso e mediu minha pulsação olhando para o vazio, seus olhos azuis bem longes. Ela mediu minha temperatura, deu uma olhada no termômetro, anotou alguma coisa no meu prontuário e saiu do quarto. Minha mãe, que estivera observando Biscoito, olhava agora pela janela. “Kathie Nicely sempre queria mais. Eu

vivia achando que o motivo de ela ser minha amiga — ah, não sei se podíamos ser chamadas de amigas, realmente, eu apenas costurava para ela e ela me pagava —, eu vivia achando que o motivo de ela ficar conversando — bem, ela *de fato* me recebeu em sua casa quando seus problemas começaram —, mas o que estou tentando dizer é que sempre achei que ela gostava que minhas condições fossem mais inferiores que as dela. Ela não podia invejar nada em mim. Kathie *sempre* queria alguma coisa que não tinha. Ela tinha aquelas filhas lindas, mas elas não eram o bastante, ela queria um filho. Ela tinha aquela casa linda em Hanston, mas ela não era boa o bastante, ela queria alguma coisa mais perto de uma cidade. Mas que cidade? Ela era assim.” Em seguida, arrancando algum pedacinho de tecido em seu colo, apertando os olhos, minha mãe acrescentou em voz baixa: “Ela era filha única, acho que tinha alguma coisa a ver com isso, com o quanto filhos únicos podem ser egocêntricos”.

Senti o choque térmico de quando se é atingido sem aviso; meu marido era filho único, e minha mãe tinha me dito havia muito tempo que tal “condição”, como ela chamava, só podia acabar dando em egoísmo.

Minha mãe continuou: “Bom, ela tinha inveja. Não de *mim*, claro. Mas, por exemplo, Kathie queria viajar. E seu marido não era assim. Ele queria que Kathie se contentasse, ficasse em casa e que eles vivessem do salário dele. Ele ganhava bem, dirigia uma fazenda de milho, sabe. Eles tinham uma vida ótima, de fato qualquer um teria desejado a vida deles. Eles iam dançar em clubes! Eu não ia a um baile desde o ensino médio. Kathie ia me procurar e encomendava um vestido novo só para ir a um baile. Às vezes levava suas meninas com ela, umas coisinhas lindas e bem-comportadas. Sempre me lembro da primeira vez que ela foi com as filhas. Kathie me disse: ‘Apresento-lhe as lindas garotas Nicely’. E quando comecei a dizer ‘Ah, elas são um amor

mesmo’, ela falou: ‘Não... é assim que elas são chamadas na escola, em Hanston, as Lindas Garotas Simpáticas’. Bom, como será que era é o que eu sempre quis saber. Ser conhecida como uma Linda Garota Simpática. Se bem que uma vez”, disse minha mãe, com seu tom imperioso, “eu peguei uma delas sussurrando para as irmãs alguma coisa sobre a nossa casa ter um cheiro estranho...”.

“São só crianças, mãe”, falei. “Crianças sempre acham que os lugares têm um cheiro estranho.”

Minha mãe tirou os óculos, bafejou em cada lente com força e depois as limpou na saia. Pensei em como o rosto dela parecia desprotegido; eu não conseguia parar de olhar para o seu rosto de aparência desprotegida. “Então um dia, sabe, os tempos mudaram. As pessoas acham que todo mundo enlouqueceu nos anos 1960, mas na verdade isso foi só nos anos 70.” Seus óculos voltaram — seu rosto voltou — e minha mãe continuou. “Ou talvez demorou esse tempo todo para as mudanças chegarem ao nosso fim de mundo. Mas um dia Kathie foi me visitar, e ela estava risinha, estranha — infantil, sabe. Você já tinha ido embora àquela altura. Para...” Minha mãe ergueu o braço e agitou os dedos. Ela não disse “escola”. Ela não disse “faculdade”. Então eu também não pronunciei essas palavras. Minha mãe disse: “Kathie estava interessada em alguém que havia conhecido, ficou claro para mim, embora ela não tenha aberto a boca para dizer isso. Tive uma visão — uma *visitação* seria mais preciso dizer; me veio enquanto eu estava sentada ali olhando para ela. E eu vi e pensei: O-ou... Kathie está com problemas”.

“E ela estava”, falei.

“E ela estava.”

Kathie Nicely tinha se apaixonado pelo professor de uma de suas filhas — que já estavam, então, todas as três, no ensino médio — e começou a se encontrar com esse homem em se-

greto. Depois ela disse ao marido que precisava se realizar mais plenamente e que não conseguiria fazer isso presa às correntes domésticas. Então ela se mudou e deixou o marido, as filhas e a casa. Foi só quando ela ligou chorando para a minha mãe que minha mãe ficou sabendo dos detalhes. Minha mãe foi de carro se encontrar com ela. Kathie tinha alugado um pequeno apartamento e estava sentada num pufe, mais magra do que nunca, e confessou à minha mãe que tinha se apaixonado, mas que depois que saiu de casa o sujeito a abandonou. Ele disse que não podia continuar com o que eles vinham fazendo. Ao chegar a esse ponto da história, minha mãe ergueu as sobrancelhas, como se o espanto que aquilo causava fosse grande, mas não desagradável para ela. “Só que o marido estava furioso, humilhado e *se recusou* a aceitá-la de volta.”

O marido nunca a aceitou de volta. Ele passou dez anos sem nem mesmo falar com ela. Quando a mais velha, Linda, se casou assim que terminou o ensino médio, Kathie convidou meus pais para o casamento porque — minha mãe suspeitou — não tinha ninguém no casamento que conversasse com ela. “Aquela garota casou *tão rápido*”, minha mãe disse, falando depressa agora, “que as pessoas acharam que ela estava grávida, mas não houve filho nenhum até onde *eu* fiquei sabendo, e ela se divorciou um ano depois e foi embora para Beloit, penso eu, atrás de um marido rico, e acho que ouvi dizer que ela encontrou um.” Minha mãe disse que no casamento Kathie não parava de lançar olhares suplicantes em volta, desesperadamente nervosa. “Foi uma coisa triste de ver. É claro que não conhecíamos ninguém, e ficou óbvio que ela praticamente tinha nos contratado para estarmos ali. Ficamos lá sentados — lembro que numa das paredes do lugar, era n’O Clube, sabe, aquele lugar idiota e cheio de fru-frus em Hanston, eles tinham um monte de pontas de flecha indígenas atrás de um vidro, por que isso, eu me perguntei, quem ia se

importar com todas aquelas pontas de flecha —, Kathie tentava conversar com alguma pessoa e depois voltava direto para nós. Até Linda, toda empetecada de branco — e Kathie não me pediu para fazer o vestido, a garota foi e comprou um —, até essa garota noiva não foi lá muito simpática com a mãe. Kathie mora numa pequena casa a poucos quilômetros do marido, ex-marido agora, já faz quase quinze anos. Completamente sozinha. As garotas permaneceram leais ao pai. Fico surpresa quando penso nisto, que chegaram a *permitir* que Kathie fosse ao casamento. Em todo caso, ele nunca teve outra pessoa.”

“Ele devia tê-la aceitado de volta”, eu disse com lágrimas nos olhos.

“Imagino que ele ficou com o orgulho ferido.” Minha mãe deu de ombros.

“Bom, ele está sozinho agora, ela está sozinha, e um dia os dois vão morrer.”

“É verdade”, minha mãe respondeu.

Fiquei perturbada naquele dia com o destino de Kathie Nicely, enquanto minha mãe estava sentada aos pés da minha cama. Pelo menos essa é a lembrança que tenho. Sei que falei para a minha mãe — com um nó na garganta e à beira das lágrimas — que o marido de Kathie devia tê-la aceitado de volta. Tenho quase certeza de ter dito: “Ele vai se arrepender. Escreva o que estou dizendo: ele vai se arrepender”.

E minha mãe falou: “Desconfio que seja ela que está arrependida”.

Mas talvez não tenha sido isso o que minha mãe disse.